



**A adaptação do livro-reportagem Rota 66
e a violência policial sob
uma perspectiva contra-hegemônica**

Gabriel Bhering, mestrando no PPGCOM - UFJF, bolsista Fapemig

Iluska Coutinho, professora titular da Facom e do PPGCOM - UFJF

UFJF **PPGCOM** **nja**

Introdução

A partir das contribuições de Borges (2021) ao refletir o Jornalismo Literário como um dispositivo para a efetivação da comunicação, este **estudo busca se voltar para** o veículo de comunicação jornalística não-periódica denominado **“livro-reportagem”**, a **fim de avaliar por meio da obra de Barcellos como o potencial comunicativo se manifesta nas páginas e se há amplificação ou diminuição da efetivação desse fenômeno na adaptação**, que esse formato ganhou ao se transformar na série audiovisual *Rota 66: a polícia que mata*, lançada no Globoplay em 2022.



Para viabilizar a discussão, o presente estudo discute a **noção de contra-hegemonia (Gramsci apud Coutinho, 1992), dialogismo (Bakhtin, 2006) e banalidade do mal (Arendt, 1999)** a partir de um entrelaçamento com a narrativa do livro e a sua tradução intersemiótica (Jakobson, 1969) para série audiovisual. O presente artigo é **uma reflexão preliminar que segue sendo desenvolvida na dissertação de mestrado** em andamento no Programa de Pós-graduação em Comunicação (**PPGCOM - UFJF**).



**As possibilidades contra-hegemônicas
da adaptação do livro-reportagem e seu
potencial para transformar a
infraestrutura**



Segundo Gramsci, a partir da “Teoria Ampliada do Estado”, é possível identificar uma **“Sociedade Política”**, onde se localizam os aparelhos sociais de coerção, por exemplo, a Polícia; e a **“Sociedade Civil”**, onde se encontram os aparelhos privados de hegemonia, como a Mídia. A **investigação de Caco Barcellos está permeada por essas duas sociedades**, afinal, sua apuração começou a partir do modo como a grande mídia tratou os garotos da elite paulistana com profundidade em detrimento de outros casos, como ilustra a situação dos meninos do Capão Redondo.



Dialogismo em Rota 66: reflexões pela filosofia da linguagem de Bakhtin

[...] é possível identificar **um aspecto dialógico na narrativa de Barcellos**. O repórter considera em todo o texto, o leitor, que, assim como ele antes de investigar, não tem dimensão que exista de fato uma polícia que mata. Desse modo, a partir do Jornalismo Literário, o autor viabiliza uma narrativa aprofundada. Essa narrativa ultrapassa dados informativos e se apresenta para uma “comunidade” de leitores, por meio de um **“vínculo” criado com uma abertura para alteridade, que permite a efetivação do “comum”, no qual o leitor inicia de um modo e finaliza de outro, demarcando um “íncio e um fim”, fundamental para a renegociação acontecer entre locutor e interlocutor (Sodré, 2020)**.



**A opinião embasada em Rota 66 em prol
de uma verdade factual alinhada à
banalidade do mal**



[...] apesar de as páginas também tratarem a **banalidade do mal** ao expor o **funcionamento da instituição militar**, é no audiovisual que alguns detalhes ficam mais claros, como o processo formativo dos militares. A decisão de tratar esse ponto, se revela fundamental para a revisitação da verdade factual, que emaranhada por opiniões errôneas se transformou em uma mentira política.



Considerações finais

Considerações

A **comunicação em efetividade no livro-reportagem *Rota 66: a história da polícia que mata não se esvai na série lançada no Globoplay em 2022***, embora mudanças tenham sido operacionalizadas, seja pelo caráter inerente de transformação intersemiótico ou pela roteirização que alarga a fabulação. Isso porque, a série mantém o foco documental ao priorizar os pilares centrais investigados neste estudo: a) contra-hegemonia, b) dialogismo e c) banalidade do ma

Referências

- Acanda, J. L. (2006). Sociedade civil e hegemonia. Boitempo.
- Arendt, H. (2016). Entre o passado e o futuro (M. W. Barbosa, Trad.). Perspectiva. (Original work published 1961)
- Arendt, H. (1999). Eichmann em Jerusalém: Um relato sobre a banalidade do mal. Companhia das Letras.
- Bakhtin, M. (1987). A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: O contexto de François Rabelais (Y. F. Vieira, Trad.). HUCITEC; Editora da Universidade de Brasília.
- Bakhtin, M. (2006). Marxismo e filosofia da linguagem: Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem (12^a ed.). Hucitec.
- Barcellos, C. (2022). Rota 66: A história da polícia que mata (22^a ed.). Galera Record.
- Baudrillard, J. (1991). Simulacros e simulação (M. J. da Costa Pereira, Trad.). Relógio d'Água.
- Berger, P. L., & Luckmann, T. (2004). A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento. Editora Vozes.
- Bhering, G., & Coutinho, I. (2025). A fabulação ampliada na adaptação do livro-reportagem para o audiovisual. *Dispositiva*, 14, e35421. <https://doi.org/10.5752/P.2237-9967.2025v14e35421>
- Borges Junior, E. (2019). O que é a pós-verdade? Elementos para uma crítica do conceito. *Brazilian Journalism Research*, 15(3), 524-545.
- Borges, L. (2021). A comunicação no limiar da arte: uma tentativa epistêmica para se compreender a especificidade comunicacional do Jornalismo Literário. In L. Signates (Org.), *Epistemologia da comunicação: reflexões metateóricas sobre o especificamente comunicacional* [e-book]. Editora UFG.
- Coutinho, C. N. (1992). Gramsci: Um estudo sobre seu pensamento político. Campus.
- Didi-Huberman, G. (2012). *Imagens apesar de tudo* (V. Brito, Trad.). Editora UFMG.
- Eco, U. (2019). O nome da rosa (20^a ed.). Record.
- Eco, U. (2024). Seis passeios pelo bosque da ficção (H. A. Batista, Trad.). Companhia das Letras.
- Foucault, M. (1999). Aula de 17 de março de 1976. In *Em defesa da sociedade* (pp. 285-315). Martins Fontes.
- Hartman, S. (2020). Vênus em dois atos. *Revista Eco-Pós*, 23(3), 12-33. <https://doi.org/10.29146/eco-pos.v23i3.27640>
- Jakobson, R. (1969). Aspectos linguísticos da tradução. In R. Jakobson, *Linguística e comunicação* (I. Blikstein & J. P. Paes, Trads.). Cultrix.
- Leal, B. S., Tassis, N., & Manna, N. (Orgs.). (2023). *Para desentender o jornalismo* [e-book]. PPGCOM/UFMG.

Referências

- Lima, E. (2009). Páginas ampliadas: O livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. Manole.
- Marcondes Filho, C. (2013). O rosto e a máquina: O fenômeno da comunicação visto pelos ângulos humano, medial e tecnológico. In Nova Teoria da Comunicação (Vol. 1). Paulus.
- Mbembe, A. (2016). Necropolítica: Biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte. Arte e Ensaios, Revista do PPGAV/EBA/UFRJ(32), dezembro.
- Peirce, C. S. (2013). Obras escolhidas de Charles Sanders Peirce (S. T. S. Lima et al., Trads.). Editora Unesp.
- Polydoro, F. da S. (2024). Necrovisualidade e “milicialização” da política: Uma análise da série Bandidos na TV. Revista FAMECOS, 31, 1-16. <https://doi.org/10.15448/1980-3729.2023.1.44070>
- Rota 66: A polícia que mata. (2022). Direção: P. Barcinski & D. Martins. Globoplay.
- Seligmann, M. (2008). Narrar o trauma: a questão dos testemunhos de catástrofes históricas. *Psicologia Clínica*, 20(1), 65–82.
- Sodré, M. (2020). A ciência do comum: Notas para o método comunicacional. Vozes.
- Sodré, N. (1966). A história da imprensa no Brasil. Civilização Brasileira.
- Traquina, J. (2005). Teorias do jornalismo (2ª ed.). Editora Contexto.
- Varella, D. (1999). Estação Carandiru (1ª ed.). Companhia das Letras.



**Obrigado pela
atenção!**

bhering.gabriel@estudante.ufjf.br

insta: **@bheringgabriel**

iluska.coutinho@ufjf.br

insta: **@iluska_coutinho**